

AS MÍDIAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS: uma experiência em um projeto de extensão

Andréa Kochhann¹
Maria Cecília Silva do Amorim²
Mateus Henrique Marques³
Natália Ribeiro⁴
Thays Oliveira Fernandes⁵

Resumo: Este artigo é reflexo de um projeto de extensão intitulado “FORM-AÇÃO: Encontro de Formação de Professores da Educação Básica”, vinculado ao GEFOP- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, da Universidade Estadual de Goiás e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos. O projeto tem por objetivo a formação continuada de professores da rede municipal e inicial de acadêmicos da UEG, dos cursos de Pedagogia e Letras. Os encontros presenciais ocorrem uma vez ao mês, por meio de palestras com atividades teóricas e práticas sobre assuntos escolhidos pelos partícipes. E para dar apoio ao processo de ensino e aprendizagem os partícipes contam com um grupo no *WhatsApp* para discutir as teorias discutidas em cada encontro e publicações de suas atividades práticas no *Facebook*. Considerando o projeto de extensão, elaboramos este artigo tendo como objetivo apresentar como as mídias estão sendo utilizadas ao longo do projeto, buscando compreender quais suas contribuições e limites para o processo de efetivação da formação inicial e continuada dos partícipes.

Palavras-chave: Mídias. Formação inicial e continuada. Ferramentas pedagógicas

Introdução

Este artigo é reflexo de um projeto de extensão intitulado “FORM-AÇÃO: Encontro de Formação de Professores da Educação Básica”, vinculado ao GEFOP- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, da Universidade Estadual de Goiás e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos. O projeto tem por objetivo a formação continuada de professores da rede municipal e a formação inicial de acadêmicos da UEG, dos cursos de Pedagogia e Letras. Os encontros presenciais ocorrem uma vez ao mês, por meio de palestras com atividades teóricas e práticas sobre assuntos escolhidos pelos partícipes. E para apoiar o processo de ensino e aprendizagem os partícipes contam com um grupo no *WhatsApp* para discutir as teorias discutidas em cada encontro e publicações de suas atividades práticas no *Facebook*. Considerando o projeto de extensão, elaboramos este artigo tendo como objetivo apresentar como as mídias estão sendo

¹ Docente da UEG, Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pela UnB. andreakochhann@yahoo.com.br

² Pós-Graduada pela UFG. Professora na Rede Municipal de Ensino. Pedagoga e especialista em Psicopedagogia pela UEG. cissa24@gmail.com

³ Estudante do Curso de Letras da UEG- São Luís de Montes Belos, mateusmar18@outlook.com

⁴ Pedagoga, Especialista em Docência do Ensino Superior, Estudante de Pós Graduação em Educação Arte e Cultura pela UEG, nataliaribeiro7@hotmail.com

⁵ Estudante do Curso de Letras da UEG- São Luís de Montes Belos, thays.ofernandes@gmail.com

utilizadas ao longo do projeto, buscando compreender quais suas contribuições e limites para o processo de efetivação da formação inicial e continuada dos partícipes.

O projeto de extensão visa trabalhar pela extensão universitária de concepção acadêmica, com a característica processual-orgânica, realizada pelo GEFOPÍ - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, que prima por atividades sobre formação de professores e o trabalho concreto. O Grupo está vinculado à Universidade Estadual de Goiás – UEG e tem como tripé a pesquisa, o ensino e a extensão, primando pela produção acadêmica. O GEFOPÍ é registrado como um projeto de extensão, mas tem características de um projeto integrado ou programa, pois abrange várias atividades do ensino, da pesquisa e da extensão, como eventos, cursos, projetos e produção acadêmica, almejando a transformação da comunidade e do acadêmico, de forma praxica, em que a teoria não se desvincula da prática.

A formação de professores perpassa pelas experiências que podem vir das atividades de extensão universitária. Por isso, é importante que a concepção de extensão deixe de ser assistencialista e de prestação de serviço e assuma a concepção acadêmica processual-orgânica, perante sua historicidade no Brasil, conforme Sousa (2000). A concepção acadêmica processual-orgânica, segundo Reis (1996, p. 41)

tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricados ou inerentes ao processo formativo (ensino) e à produção de conhecimento (pesquisa) da universidade, em parceria político-pedagógica com a sociedade civil ou política, numa dimensão mutuamente oxigenante e mutuamente transformante.

Para Reis (1996), a universidade tem como função produzir o saber e viabilizar a formação do acadêmico, visando sua transformação pessoal e social inserido em determinado contexto e essa formação pode vir a ser por ações extensionistas, organicamente pensadas e realizadas de forma processual e contínua. Para Reis (1996, p. 41) a sociedade “É o ‘lócus’ co-participante na formação do profissional e na geração do conhecimento da sociedade.”.

O FORM-AÇÃO, se configura por um projeto com atividades semipresencial, configurando no mínimo 120 h, composto por 4 encontros no primeiro semestre e 4 encontros no segundo semestre, atividades extra classe lançadas no *Facebook* do grupo para socialização, discussões teóricas realizadas pelo grupo do *WhatsApp*, orientações gerais, bem como orientação para participação em eventos científicos e quiçá concorrência para mestrados e doutorados. As atividades presenciais serão ministradas por partícipes do GEFOPÍ e convidados. Desta forma, as mídias, como ferramentas pedagógicas, podem vir a ser um

grande contributo para o bom andamento do projeto, auxiliando na comunicação, na troca de experiência, na aprendizagem e produção à distância e os motivando a realizar atividades diferenciadas a serem publicadas, superando as barreiras do tempo e espaço.

As mídias como ferramentas pedagógicas: uma discussão inicial

O avanço tecnológico vem transformando os modos de produção e também o fazer pedagógico dos professores. O espaço da cibercultura que a internet apresenta traz um novo pensar por meio das facilidades que os meios de comunicação computacionais carregam. Desse modo, cabe nesta discussão trazer alguns conceitos importantes sobre mídias educacionais e algumas possibilidades pedagógicas que representam.

A cibercultura definida por Lemos (2002) e Lévy (1999) são modos de vida e de comportamentos assimilados e transmitidos na vivência histórica em todas as idades, marcada pelas tecnologias digitais, mediando a comunicação e a informação via internet. Essa mediação já não ocorre de forma centralizada via rádio, televisão e imprensa. Segundo os autores é característica na cibercultura a comunicação utilizando-se de rede hipertextual, multiplicidade, interatividade, imaterialidade, processo síncrono e assíncrono, multissensorialidade e multidirecionalidade.

Lima (2016) trata sobre tecnologias, educação e formação destacando o pensamento de Okada (2014) que defende que atualmente vive-se na era digital na qual pessoas, empresas e organizações utilizam mídias e intermídias para comunicar-se, compartilhar dados, informações e saberes. As definições propostas por Lima (in ANDERI e TOSCHI, 2016, p. 31) sobre técnica, tecnologia e mídias são válidas nessa discussão.

A técnica não é apenas a invenção ou o uso de um instrumento, mas a intenção e o uso do instrumento para atender as necessidades da humanidade. A tecnologia é o estudo e a sistematização de processos técnicos (...) A mídia, por sua vez não pode ser confundida com equipamento, pois é um meio tecnológico portador de conteúdos, os quais divulgam mensagens.

A mídia compõe um conjunto de meios de comunicação, com a finalidade de transmitir informações e conteúdos variados. O universo midiático abrange uma série de diferentes plataformas que agem como meios para disseminar as informações, como os jornais, as revistas, a televisão, o rádio e a internet. A preocupação educacional está voltada para a utilização crítica das mídias para que estas não sejam consumidas sem a devida reflexão por crianças, jovens e adultos, potencializando seus aspectos positivos de formação e emancipação humana pela disseminação do conhecimento fundamentado historicamente e construído no nosso tempo.

A utilização das TDICS – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - caracteriza transformação social e histórica deste século que, com intencionalidade e sistematização, podem ser utilizadas a favor da educação e dos diversos processos formativos e “possuem como característica a conexão contínua do cotidiano, tendo como instrumentos principais o computador, a internet, celulares, *tablets* e *smartphones* (...) favorecem a rapidez, interatividade e abrangência.” (Idem, p. 33). Diante da fluidez das informações postas no ciberespaço ocorre à utilização das mídias digitais para pesquisa, propaganda, troca de conhecimentos e outros. Pischetola (2016, p. 19) compreende que

[...] na sociedade digital, as informações são formuladas pela colaboração de milhões de pessoas. Qualquer um pode publicar suas opiniões e seus conhecimentos na internet colocando seus recursos à disposição de outros usuários[...] A rede, assim, passa a constituir, ela mesma, uma forma de inteligência determinada pela relação de agentes individuais, produzindo aprendizagem e inovação, e melhorando as habilidades e o desempenho, não só do sistema como um todo, mas também das pessoas que fazem parte dele.

Os aspectos abordados pela autora são relevantes, pois o momento de troca de informações utilizando a tecnologia digital é imediato, facilitador e motivador de novas práticas utilizando as TDICs. As redes sociais aparecem como ferramenta comunicacional na internet e os aplicativos, como softwares, são cada vez mais utilizados. A educação e a escola de forma geral podem fazer uso desse tipo de ferramenta para dar publicidade ao fazer pedagógico utilizando imagens, vídeos, áudios e outros recursos trazendo-os para discussão e apreciação de todos.

Ao professor devem ser oportunizadas formações, cursos e oficinas que privilegiem não apenas o uso técnico da internet, mas “a construção de sentido sobre o uso de ferramentas e aplicativos nos processos educacionais, gerando assim na proposta de formação, ou no curso de forma específica o caráter de uma experiência cultural.” (KNOL, BRITO, BOENO in TERÇARIOL et al, 2016, p. 93). Essa apropriação crítica do uso da tecnologia digital por meio do letramento possibilitará a desmistificação quanto ao seu uso e poderá reduzir o distanciamento que acontece no sentido de conflito de gerações, nativos *versus* migrantes, trazendo os benefícios e as produções inovadoras que a tecnologia digital oferece, fortalecendo um modelo de aprendizagem orientada e mediada pelo professor com a colaboração do aluno, gerando uma fluidez do conhecimento com vistas à mobilidade tecnológico-educacional.

A desmistificação da tecnologia é uma ação importante junto aos professores que convivem com os alunos nativos digitais. Esse novo alunado compõe uma geração descrita

por Prensky “para fazer referência à primeira geração que cresceu com a internet, uma geração extremamente habilidosa no uso técnico das mídias digitais e no acesso aos recursos da web.” (PISCHETOLA, 2016, p. 40). Percebe-se que o conhecimento na era digital e o uso dos recursos muitas vezes caracteriza um saber intuitivo, natural, como se o aluno nem necessitasse de estudar para usá-los. Já para os professores que compõe o grupo de migrantes digitais, há um tipo de distanciamento destes meios, necessitando construir habilidades muitas vezes com o auxílio dos próprios alunos.

Educar para as mídias nesse contexto, partindo da prática pedagógica inovadora e criativa pode ser condição da educação para a cidadania e redução das desigualdades. Belloni (2009, p. 12) defende a mídia-educação ou educação para as mídias como “perspectiva essencial para o desenvolvimento das práticas educacionais mais democratizadoras, incluindo a formação de professores plenamente atualizados em sintonia com as aspirações e modos de ser das novas gerações.”.

A tecnologia em si traz a necessidade de utilizar as diferentes mídias digitais para desmistificar seu uso e incluir o professor no processo de aprendizagem contínua exigido neste século. A utilização de redes sociais e aplicativos com objetivo intencional de dar oportunidade de aprendizagem a este professor por meio da experiência denota a importância de perceber suas virtudes pedagógicas (BELLONI, 2009). A utilização adequada das mídias pode favorecer a formação e a criação por meio da interação e relação social com base em uma perspectiva crítica pensada como uma intervenção ética e política no mundo em que vivemos. Cabe ao professor fazer uso das ferramentas midiáticas para desenvolver-se profissionalmente e promover ainda sua formação contínua.

O *WhatsApp* como ferramenta pedagógica: discussões iniciais

O *WhatsApp* é um dos aplicativos mais utilizados dos últimos anos. Desde que foi criado tem possibilitado a comunicação de milhares de pessoas, seja por conversas individuais como grupos com até 200 pessoas ao mesmo tempo. Dessa forma o GEFOPi utiliza o aplicativo como ferramenta didática, já possuindo os grupos GEFOPi e GEFOPi em Ação, o que tem o objetivo de discutir teorias, contribuir cientificamente entre outros benefícios.

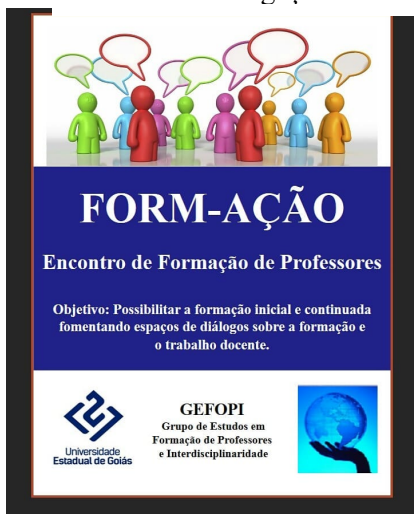
O FORM-AÇÃO, projeto de extensão vinculado ao GEFOPi e Secretaria Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos utiliza dessa ferramenta para socializar suas atividades realizadas ao longo do curso. A cada palestra realizada o professor palestrante deixa uma atividade a ser respondida no grupo do *WhatsApp* FORM-AÇÃO, utilizando

teóricos que comprovem suas afirmações. Com isso os professores não tem apenas o tempo da palestra para aprender, mas também o aplicativo, para discutir, tirar dúvidas e compartilhar as atividades que realiza em sala de aula, vinculando aos temas que são apresentados.

Até o presente momento foram realizados 2 encontros, sendo o primeiro no dia 07/02/2018 com a acolhida, apresentação do projeto para os professores da rede, escolha de temas e palestra inicial. Os temas de maiores interesse e escolhidos pelos professores foram: Educação Física, Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem, Arte e cultura, Ateliê Textual, Jogos Matemáticos, Tendência Histórico-Crítica, Interdisciplinaridade e Mídias Educacionais.

O tema da palestra do primeiro encontro foi sobre omnilateralidade e emancipação, ministrado pela professora Andréa Kochhann, no sentido de o que precisa ser feito em sala de aula visando uma formação omnilateral e emancipadora.

Banner de divulgação



Palestra sobre a omnilateralidade



I encontro Form-Ação



Acolhida



Fonte: Form-Ação (2018)

No segundo encontro que ocorreu dia 21/03/2018 o tema trabalhado foi “Educação Física Escolar” abordando vários aspectos incluindo interdisciplinaridade e equipe, consciência corporal, caráter competitivo e inclusão, exemplificando com exercícios que podem ser realizados em sala de aula. A palestra foi ministrada pela professora Adriana Kochhann, que conduziu a atividade buscando fazer com que os professores compreendessem

que educação física não é somente deixar os alunos brincarem, mas realizarem brincadeiras dirigidas que tenham um objetivo de aprendizado que vai além de exercitar o corpo.

II encontro Form-Ação

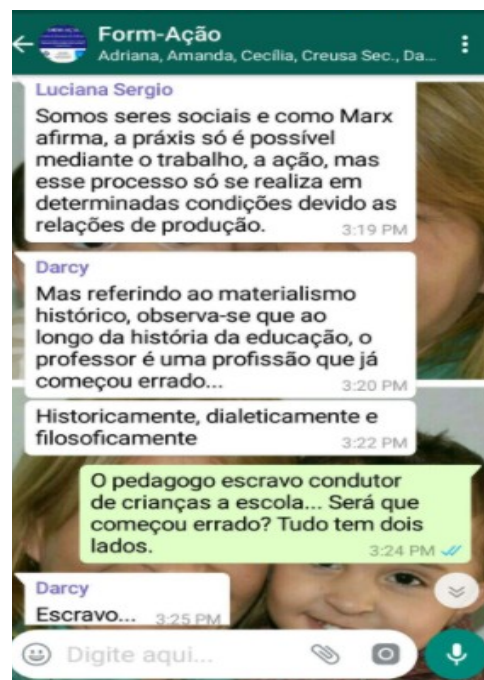
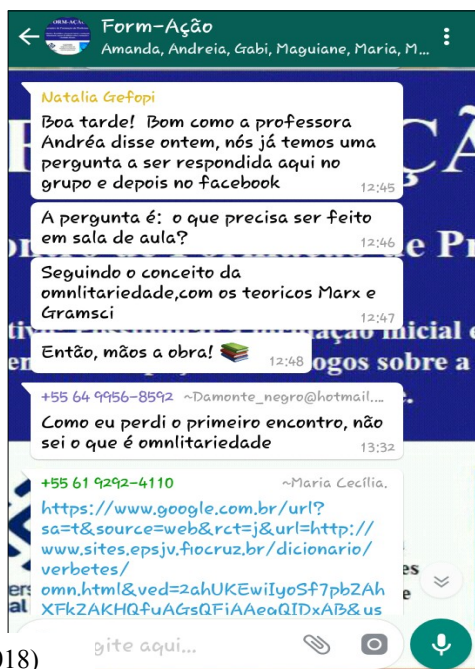


Fonte: Form-Ação



A

temática do primeiro encontro gerou uma pergunta que foi discutida nas redes sociais. A pergunta para o *WhatsApp* foi: O que fazer em sala de aula para a formação omnilateral emancipadora? Ao ser discutido no *WhatsApp*, foi percebido que a maioria não tinha familiaridade com o tema, portanto foram propostas várias leituras de teóricos como Gramsci e Marx para um melhor entendimento.

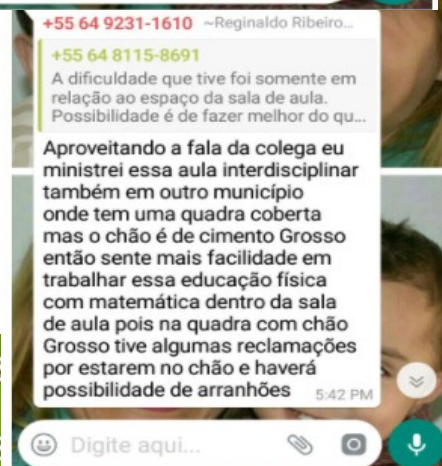


A

partir

da

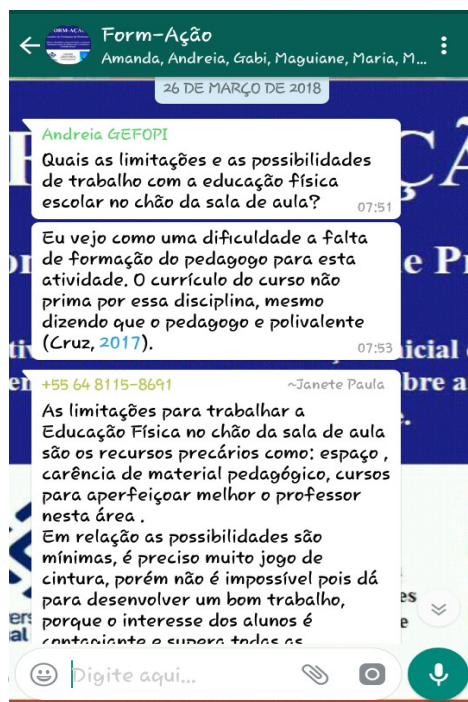
pelas



Fonte: Form-Ação (2018)

temática do segundo encontro foram encaminhados os desafios para serem resolvidos nas redes sociais. No *WhatsApp* os professores

deveriam responder: Quais as limitações e as possibilidades de trabalho com a educação física escolar no chão da sala de aula?.



que percebemos até o momento em relação ao uso do *WhatsApp* é que algumas pessoas são somente observadoras, outras participam de forma restrita e outras de forma intensa. Independente da forma de participação, almejamos que todos cresçam com os comentários e trocas de experiência. De forma imediata apresentamos que os professores não têm costume de usar a ferramenta como pedagógica mas que aos poucos isso pode ir se estabelecendo no processo.

O Facebook como ferramenta pedagógica: discussões iniciais

Para Franco (2012) as redes sociais, como o *Facebook*, são possibilitadoras de aprendizagens diferenciadas. Dessa forma, temos a referida rede como impar, que transcende o uso deste recurso tecnológico apenas por mera reprodução de conteúdo, mas vê no aplicativo uma possível ferramenta pedagógica, onde se fomenta atividades extraclasse, como a socialização das atividades de seus participantes na rede pública de ensino que reflete o que está sendo trabalhado, na formação continuada, ministrada pelo Form-Ação, bem como a orientação dessas atividades através de sugestões.



Observamos dois lados da ferramenta, um lado que possibilita socialização e orientação das atividades dos professores, e outro que desafia, pois, alguns professores ainda estão se adaptando com tal plataforma. O projeto vem trazendo para o debate essas questões, pensando as atuais necessidades da educação, demonstrando as potencialidades e desafios, em prol de uma formação de qualidade desses agentes, que venha influenciar positivamente a atuação desses agentes da educação.

Considerações

É possível considerar que o projeto tem possibilitado a formação continuada dos professores além de proporcionar um aprendizado fora de sala de aula aos acadêmicos de pós-graduação e graduação. Neste sentido a atividade de extensão realiza seu objetivo que segundo Reis (1996, p. 41) apresenta que as atividades de extensão na concepção processual-orgânica que se caracterizam por ações permanentes ou contínuas, que se relacionam de forma indissociável do ensino e da pesquisa, relacionando a universidade com a sociedade para a transformação.

Esses são contemplados com a socialização de experiências dos professores que estão na rede. Form-Ação é a incorporação da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão

que defende Reis (1996), posto que essa ação extensionista desenvolve ação permanente inseparável ao processo formativo (ensino), o que acontece na tessitura deste artigo, a construção de conhecimento possibilitava a partir do projeto (pesquisa), que só foi possível através de uma interação extensionista processual-orgânica com a sociedade.

No tocante a utilização das mídias vem somar para que essa atividade aconteça. Ainda que com algumas dificuldades e resistência por parte de alguns partícipes em se envolver com as ferramentas, percebemos que é necessário conhecer e aprender a usar esses meios de comunicação, pois vivemos numa sociedade em que as mudanças são constantes e como educadores a necessidade de usar tais meios se aproxima cada vez mais.

Referências

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação?** 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.) **Educação a distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. v. 2. p. 116-124.

FRANCO, Iara Cordeiro de Melo. Redes sociais e a EAD. In: FREDRIC, Michael Litto; KNOL, Ariana Chagas Gérson; BRITO, Glaucia da Silva; BOENO, Kottel. Formação continuada para o uso de tecnologias educacionais: o que os professores querem? In: TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima *et al* (Orgs). **Da internet para a sala de aula: educação tecnologia e comunicação no Brasil.** Jundiaí- SP: Paco Editorial, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 34. ed. Rio de Janeiro: Artmed, 1999.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

REIS, Renato Hilário dos. **Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil.** Cadernos UnB. Extensão: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996. In: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>.

LIMA, Daniella da Costa Britto Pereira. Tecnologias, educação e formação: Conceitos, inclusão e iniciativas. In: ANDERI, Eliana Gonçalves Costa e TOSCHI, Mirza Seabra Toschi (orgs.) **Inclusão digital e social: conhecimento e cidadania.** Anápolis: Editora UEG, 2016.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura na sala de aula.** Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária.** Campinas: Alínea, 2000.